

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 29**

**Nº 179/180**

**JULHO – AGOSTO  
SETEMBRO – OUTUBRO**

**2011**

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Palavras de Kardec</b>	<b>3</b>
1500-592 Lisboa	<b>Sementeira</b>	<b>6</b>
Telefone : 217 647 441	<b>Meditando... com uns e outros</b>	<b>8</b>
*	<b>O Ignoto (Soneto)</b>	<b>12</b>
Director Responsável :	<b>Educação x Drogas</b>	<b>13</b>
Manuela Vasconcelos	<b>O País da Luz (Soneto)</b>	<b>28</b>
*	<b>Profilaxia da Alienação</b>	<b>29</b>
Tiragem : 150 exemplares	<b>O fracasso de Pedro</b>	<b>35</b>
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

# EDITORIAL

Embora atrasados, aqui estamos a referir o encerramento das comemorações do 30º aniversário da nossa Casa, que aconteceu nos dias 18 e 19 de Junho: no dia 18, foram os colaboradores da COMUNHÃO – todos eles – que estiveram presentes, falando do que representava para cada um o Centro Espírita e recordando alguns factos que os tinham levado a recorrer à Casa, para serem ajudados. Anteriormente, a assistência tinha presenteada com alguns dos cânticos que sempre costumamos entoar; depois, a nossa Presidente recordou o que tinham sido aqueles 30 anos...

Numa singela homenagem aos Irmãos que nos dão as suas mensagens, conselhos e orientações no final das reuniões mediúnicas, lembrámos cada um deles com uma pequena referência de cada uma das mensagens, no final da qual foi depositada uma rosa numa jarra que tinha estado, primeiro, totalmente vazia, propositadamente para ir recebendo os pés das flores com que dizíamos, a cada um “deles” o nosso obrigada...

Recordadas, igualmente, as crianças desencarnadas da nossa escolinha, unimo-nos todos no apreço à Casa, sendo depois distribuída, por cada um deles, uma pequena lembrança, a assinalar a comemoração que estávamos festejando. A primeira (e foi igual para todos) foi entregue à sócia fundadora, Estela Apell que, conjuntamente com a nossa Presidente, são as sócias mais antigas da COMUNHÃO.

No dia seguinte, domingo, todos começámos a aparecer cedo, cada um com um acepipe com que, no final da palestra

proferida pelo João Xavier de Almeida, confraternizámos até por volta das 19,00 horas.

João Xavier fora o convidado orador da inauguração da nossa Casa, em 17 de Junho de 1984 e quisemos tê-lo ali, de novo, connosco, não só a recordar os tempos idos como, ainda, a ouvi-lo, calma e sapientemente, a falar da Boa Nova, fazendo-nos refletir a todos sobre o amor ao próximo sempre presente em todos os momentos que, dia após dia, fomos vivendo no Centro.

Terminámos, encerrando mais este aniversário certos da opção que cada um de per si tomou, no caminho que seguimos e desejamos continuar, sempre mais firmes, na certeza de que servindo a cada um que nos procure estaremos, principalmente, servindo o Senhor enquanto recordamos as palavras do povarello de Assis: *é dando que se recebe...*

## **A DIRECÇÃO**

\*

# **PALAVRAS DE KARDEC**

## **CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA**

*(Continuação)*

6. – Desde que se admita a solicitude de Deus para com as suas criaturas, porque não admitir que Espíritos capazes, pela energia e superioridade de seus conhecimentos, de fazer avançar a humanidade, se encarnem pela vontade de Deus com o fim de ajudá-la a progredir num sentido determinado; que recebam uma

missão, como um embaixador a recebe de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm eles senão ensinar aos homens as verdades que estes ignoram, as quais permaneceriam ignoradas durante longos períodos , a fim de lhes dar um ponto de apoio por meio do qual possam progredir mais rapidamente? Esses gênios, que surgem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixam atrás de si um longo traço luminoso sobre a humanidade; são missionários ou, se quiserem, messias. As coisas novas que eles ensinam aos homens, seja de natureza física ou de ordem filosófica, são **revelações**.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, Ele pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que são um dos elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos, cujas ideias atravessaram os séculos.

7.- No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais, que o homem não pode conhecer por si mesmo, que não pode descobrir por meio dos seus sentidos e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados como profetas ou **messias**, isto é, **enviados, missionários**, com a **missão** de transmiti-la aos homens. Considerada sob esse ponto de vista, a revelação implica passividade absoluta; é aceita sem controle, sem exame, sem discussão.

8.- Todas as religiões têm tido seus reveladores, e todos eles, embora longe do conhecimento total da verdade, tinham a sua razão de ser providencial; porque eles foram apropriados ao tempo e ao meio em que viveram, ao gênio particular dos povos a que falavam e aos quais eram superiores. Apesar dos erros de suas

doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, mesmo por isso, de semear os germens do progresso que mais tarde deviam alastrar-se como se alastraram um dia, ao sol do cristianismo. Dessa forma, é injusto lançar-lhes o anátema em nome da ortodoxia, mas dia virá em que todas essas crenças, tão diversas na forma, mas que na realidade repousam num mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma – se fundirão numa grande e vasta unidade, quando a razão triunfar dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões têm sido, de tempos em tempos, instrumentos de dominação; o papel de profeta tem tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que em favor do prestígio desse nome têm explorado a credulidade em proveito de seu orgulho, da sua cupidez ou de sua indolência, os quais acham mais cómodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde livrar-se desses parasitas. Neste sentido, chamamos a atenção seriamente, para o capítulo XXI de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”: **Haverá falsos Cristos e falsos profetas.**

*(Continua)*

**ALLAN KARDEC**

(In : A GÉNESE, 13ª ed., Lake, 1981 – capítulo I).

\*

# SEMENTEIRA

Abre-se a floresta, até então intransitável e densa. Definem-se dificuldades, pântanos, espinheiros... O sementeiro, porém, não se confia ao desânimo.

Traça planos. Ataca o serviço. Realiza o milagre.

De início, é o desbravar. Em seguida, surgem os imperativos de preparação do solo e de seleção de recursos.

A cova minúscula e escura, recebe a semente pequenina, que perde os envoltórios com a colaboração do tempo. Só então é possível a promessa do grelo tenro.

Todavia, não param aí os desvelos e as vigílias do sementeiro. Hoje, é necessário proteger a plantinha frágil contra o esmagamento; amanhã, é imprescindível furtá-la ao assédio dos vermes destruidores. Agora, pede a lavoura iniciante adequada medida contra a canícula rigorosa; depois, reclama providências que a salvem do aguaceiro.

A fronde, a flor e o fruto representam, no entanto, o precioso prêmio.

Assim, também, é a sementeira espiritual.

Nas profundezas da mente inculta caem os princípios da Divina Sabedoria. Ninguém exija, contudo, o resultado absoluto num instante. Quantos séculos teremos dispendido, na formação da selva de nossos instintos e de nossos caprichos obscuros?

O serviço de adaptação e educação reclama tempo e paciência para que a colheita do conhecimento e do amor, em cada alma, enriqueça os celeiros da Terra. Não esperemos que o nosso companheiro de experiência nos ofereça a perfeição impraticável de um momento para o outro.

Se procuramos o Cristo, gravemos as lições d'Ele em nós mesmos, antes de impô-las aos semelhantes.

Adubemos o solo dos corações com a luz do bom exemplo, com a benção da fraternidade, com a flor do estímulo e com o silêncio da compreensão.

Não firmos onde não possamos auxiliar.

O Sol resplandesce sem palavras, curando as chagas do Planeta. A fonte rola contando, sem acusações, colada ao dorso da Terra. O vento fecunda a Natureza, sem exigências.

Amemos sempre. O coração que se devota à fraternidade não usa o poder do verbo para denegrir ou dilacerar.

Passemos auxiliando. Compadeçamo-nos do cardo, que ainda conserva aguçados acúleos. Compadeçamo-nos das ervas envenenadas, que ainda não conseguiram modificar a própria seiva. Compadeçamo-nos das árvores infelizes, cujos galhos ressecaram pela pobreza do ambiente em que nasceram.

A senda é longa.

A romagem solicita o esforço das horas incessantes. Sigamos, improvisando o bem, por onde passarmos. Guarde, a nossa luta, a sublime experiência do semeador.

Compreendamos o cipoal, auxiliemos o chão duro do destino e aproveitemos a lama da estrada para o bem geral, projetando na Terra das almas as sementes benditas que o Mestre nos confiou.

E esperemos o Tempo, de vez que o tempo é o património da Divina Bondade que, na esteira dos dias, dos anos e dos séculos, nos oferecerá sempre à colheita de nossa vida, segundo as nossas próprias obras.

*ANDRÉ LUIZ*

(In: “Doutrina e Aplicação”, psicografia de Francisco C. Xavier: Espíritos Diversos. Recebido via internet.).

\*

## **MEDITANDO... com uns e outros!**

Na tarefa que nos impusemos como opção de vida, se assim o podemos dizer, falamos com uns e com outros e (como cada cabeça, cada sentença) escutamos as opiniões mais dispares sobre este e aquele assunto, como se cada um de nós dele tomasse conhecimento para o estudar, analisar... e, depois, concluir da maneira que “sirva melhor” a cada um! E mesmo quando as opiniões são idênticas, ainda aí podem surgir conclusões diferentes sobre o mesmo tema!

Que melhor situação para concluirmos que a evolução de cada um é diferente? Estamos todos numa Escola de Aprendizado – a Terra – onde cada um vai aprendendo em função da aplicação



com que se dedique aos temas que lhe vão sendo propostos... e se alguém tiver a ‘ousadia’ de afirmar que se está na Terra para aprender, a resposta imediata será que nada temos a aprender porque já sabemos tudo o que nos interessa!

Será assim, realmente? Recordamos que, há muitos séculos atrás, na Grécia antiga, um sábio bem considerado da sua época afirmou: “SÓ SEI QUE NADA SEI”, enquanto hoje nos damos a ousadia de que nada nos é ignorado!

Até que ponto o que pudemos ou conseguimos assimilar do Conhecimento que chegou até nós, nos interessará no imediato? Conhecendo-nos como nos conhecemos, diríamos que repetimos nesta ‘Escola da Vida’ as mesmas atitudes que tomámos quando estudantes e frequentámos com um empenho maior ou menor, a Escola, o Liceu, a Faculdade... Nem sempre as disciplinas que fomos obrigados a estudar foram (eram) as que mais nos interessavam!

E, nesta ‘Escola da Vida’, como é? Será que estamos interessados em “Reforma Íntima”? Qual a sua vantagem no dia a dia de cada um?

E... e o Amor ao próximo? Valerá a pena aprende-lo, vivenciá-lo, praticá-lo? Será que estamos interessados em imitar, ou sermos, talvez, um novo samaritano?!

E então, perguntamo-nos: para praticarmos o amor ao próximo temos de pôr em prática, igualmente, o uso do perdão? Ah!, não, respondemos para nós próprios, isso será demais!!! Eu quero sentir (e continuamos a tentar justificar os nossos pensamentos) eu quero sentir que, de cada vez que me ofendam, eu posso manifestar o quanto me senti agredido! Quero que cada

um perceba que não sou nenhuma “coisa mole” nem algo de maleável, que cada um poderá manejar como bem entenda! Todos têm de saber que EU SOU GENTE!

E nesta ideia que temos de nós próprios e queremos transmitir aos outros, esquecemo-nos de uma coisa tão importante como a do nosso desejo do que os outros deverão pensar de nós: é que, da mesma maneira que nós “somos gente”, os outros – todos os outros – o são também, com os seus sentimentos e maneira de ser, com as suas capacidades maiores ou menores, comparativamente com as nossas, de estarem ‘cursando a Vida’!

Então, dentro da ‘disciplina’ do Amor ao próximo, se queremos relacionar-nos bem com todos, temos forçosamente de aprender a humildade e a simplicidade, lembrando-nos de que a “nossa liberdade acaba onde começa a do nosso companheiro”. Seguiremos, assim, uma norma de conduta que nos ajudará sempre no relacionamento com uns e com outros... Se não tivermos a ‘preocupação’ de medir o nosso valor por aquilo que aparentamos ser (sem o termos ainda conquistado) mas tentarmos sempre ser mais cordatos e benevolentes, tolerantes e compreensivos, conseguiremos viver criando a paz para nós e para todos aqueles com quem nos relacionemos!

Às vezes, para assim agirmos, talvez nos seja necessário pensarmos na conduta de Jesus; então, perguntemo-nos: porque foi que Jesus, ao ser interpelado sobre o que fazia, como fazia e dizia, se calava a maioria das vezes, dando o silêncio como resposta? Seria por pensar que não valia a pena responder? Pensamos que não; cremos que o silêncio de Jesus estaria mais relacionado com a capacidade que os seus interlocutores teriam de O entenderem... e porque, por sistema, o ignorante não gosta de ser reconhecido

como tal e tenta sempre apresentar os seus argumentos para além de todas as razões, Jesus silenciava para não perder tempo! O Seu exemplo era e foi sempre a resposta maior a todas as perguntas ou objeções que Lhe pusessem... e, nessa atitude, recordamos a recomendação de Sua Mãe, nas bodas de Canaã: “Façam tudo o que Ele vos disser!”

Quando aprenderemos?

Somos Espíritos eternos mas a eternidade que já vivemos não nos cansou AINDA de todas as asneiras que temos opraticado ao longo dos séculos? Quando chegará o tempo de sermos mais firmes na procura de uma atitude melhor, de uma caminhada com menos erros?

Reforma íntima e Amor ao próximo co-existem em cada um de nós, queiramo-lo ou não reconhecer, mas já é tempo de procurarmos percorrer o nosso caminho com um sofrimento menor e, paralelamente, com uma harmonia maior: se queremos paz, conquistemo-la, lembrando-nos mais vezes que Deus criou-nos para sermos felizes e não para a dor e o sofrimento!

**MANUELA VASCONCELOS**

*“( crente) se não se queixa das provas, não deve queixar-se também dos que lhe servem de instrumento. Se em vez de queixar-se, agradece a Deus o experimentá-lo, deve também agradecer a mão que lhe oferece ensejo de demonstrar a sua paciência e a sua resignação. Esta ideia o dispõe naturalmente ao perdão.(...)” – ALLAN KARDEC : Evang. S/Esp., XII: 4.*

# O IGNOTO

Que tu existes, creio. O que és, não sei!  
Vários nomes te dão, várias figuras;  
E os homens – desvairadas criaturas! –  
Variamente conhecem tua lei.

És um ser transcendente – acaso o Rei  
Do Universo, imperando nas alturas?  
Um poder imanente? Ou as obscuras  
Fontes da Vida, que eu em vão busquei?

És Brahma, Osíris, Jehovah ou Zeus?  
És Pan – a natureza feita deus?  
És só um conceito da Razão?... Talvez!

Sim? Quem sejas, inteiramente o ignoro,  
Mas sei que te pressinto – e que te adoro,  
Sem mesmo precisar saber quem és!

*LUIS DE MAGALHÃES,*  
Conselheiro

(Do seu livro de poemas FROTA DE SONHOS, escrito na cadeia da Relação, no Porto, entre 1919/1920).

# EDUCAÇÃO X DROGAS

## Desafio para os Pais

*“Um hábito não refutado, logo se transforma em vício.”* – SANTO AGOSTINHO.

Falar em drogas causa arripio inicial em qualquer pessoa, pois dá de imediato a ideia de vício, destruição, perda. Mas, no sentido amplo, a palavra droga traz significado maior.

Gostamos muito da definição do Dr. Jorge Lordello e Dr. Lair Ribeiro: “Toda a substância que, introduzida em um organismo vivo, pode modificar uma ou mais de suas funções.”

Toda a droga não utilizada para fins terapêuticos, sendo empregada como vício que ensandece e ilude, transforma-se em inimigo voraz a aniquilar esperanças e futuros promissores.

A título de rápida explicação, iremos mostrar os tipos mais utilizados, sem preocupação de nos aprofundarmos nos mesmos, já que nosso objetivo é o aspecto de esclarecimento e orientação. Encontram-se no mercado inúmeras obras que exploram cada modalidade de tóxico exaustivamente, que poderão ser fontes de pesquisa para pais, educadores em geral, e para os próprios jovens.

As drogas dividem-se basicamente em três categorias: **Depressoras:** inibem a atividade cerebral. Ex.: bebidas alcoólicas, ansiolíticos, calmantes (valium, lexotan, diazepam, etc.), antidiastônicos, codeína, barbitúricos (gardenal, comital, etc.), xaropes, inalantes (sola de sapateiro, loló, solventes, eter, lança-perfume, etc.);

**Estimulantes:** ativam o rendimento artificial do organismo. Ex.: anfetamínas (moderex, reactivan, etc.), cocaína, cafeína, crack, ópio, heroína, morfina, etc., podendo-se enquadrar aqui a ecstasy;  
**Alucinógenas ou perturbadoras:** distorcem a visão das formas e cores. Ex.: maconha, LSD, ayauasca, chá de cogumelos, peiote, amanita, jurema, beladona, etc., alguns enquadrando aqui a ecstasy.

Há uma outra divisão preocupante: em drogas proibidas e drogas permitidas, ou lícitas, nas quais enquadrámos os três agentes psicoativos mais utilizados: o álcool, o fumo e a cafeína. Ou seja, elementos enquadrados na classificação acima e que estão sendo utilizados largamente e livremente por qualquer pessoa, sendo utilizadas em publicidade com fortes argumentos de vendas (status, aventura). Se pensarmos nos prejuízos morais, físicos e financeiros que causam, estranhámos não haver nenhum controle. Depois, ainda dizem por aí que descriminar a droga reduziria o consumo... Lembremos a eles que nunca se bebeu tanto quanto hoje. A proliferação começou a ocorrer com a Segunda Grande Guerra, disseminando-se junto com os conflitos bélicos até hoje existentes. Sempre foi utilizada para minar o inimigo e acabou por se alastrar a toda a sociedade mundial, devido a encontrar pela frente um mundo em que não há, em lares, estrutura familiar para resistir ao seu assédio, somando-se ao grande vazio nas aspirações humanas, não preenchido pela ciência e tecnologia, unido à preocupação maior do ser humano com o corpo físico, esuecendo-se do espírito. De um lado, o forte interesse económico de uns; de outro, o clima de catástrofe social que se divulga na média, cinema, rádio, imprensa em geral, periódicos, leva muitos a procurarem a fuga dessa realidade difícil.

Isto tudo causando o grande problema da dependência àquelas substâncias. E dependência significa impulso para o uso

contínuo ou periódico das mesmas, passando a não mais controlar o consumo, agindo impulsivamente e repentinamente na busca de satisfazer o seu vício. Eis a degradação e a miséria moral.

## **A – A JUVENTUDE EM MEIO AO TURBILHÃO**

De um artigo colhemos a preocupante afirmativa de uma jovem de 16 anos, em tratamento: **“A droga está muito próxima de todos. Acho que os pais nem imaginam como ela está perto dos seus filhos.”** Temos que parar de achar que os problemas só ocorrem na casa do vizinho, na casa dos **“outros”**. Nossos filhos estão expostos a esse perigo e devemos tomar cuidado. Principalmente porque nessa fase (adolescência) acham eles que tudo aguentam, que tudo sabem...

As estatísticas assustam: nas grandes cidades, seis de cada dez jovens já usaram ou usam algum tipo de droga. 57,7% de adolescentes com até 14 anos já tiveram sua primeira experiência com tóxicos, sendo o começo na maioria dos casos com a maconha... Mas o início real do envolvimento com substâncias que fazem tanto mal está no fumo e na bebida alcoólica... Parem para meditar... Chico Xavier nos alerta para os que pensam com egoísmo. **“Meu filho jamais vai mexer com essas coisas”**: **“O menino dado aos tóxicos ou que se entrega às más influências, poderia ser o nosso. Estamos na mesma embarcação e o naufrágio é para nós todos.”**

## **B – CAUSADORA DE DESASTRES**

São inúmeros os resultados desastrosos causados pela droga. A loucura e a obsessão costumam ser o destino dessa viagem triste empreendida por muitos jovens.

Como veneno que representam, prejudicam profundamente as funções do corpo, viciando a composição fisiológica natural do nosso organismo, passando a escravizar o usuário e tirando-lhe a alegria, o ânimo e a disposição para as atividades da vida e da juventude, transformando alegria juvenil em sombras e desespero – jovens tristes, doentes, fracos, violentos, verdadeiros farrapos humanos. O custo é muito alto, pois desorganizam a economia social, destroem carreiras promissoras, desarrumam lares e põem em perigo gerações futuras que são a base da renovação da sociedade.

O desequilíbrio penetra nos corações dos já fragilizados, levando inúmeras almas ao torvelinho da degradação e da morte, deixando-as em difíceis condições espirituais, tendo em vista que os efeitos não se dissipam com o fim do organismo físico, já que se fixam no perispírito, desarticulando os centros do equilíbrio, da saúde e da vontade, onde demandarão imenso tempo a reequilibrarem-se e retomarem o passo no rumo do aprimoramento. Se a alma é eterna, devemos lembrar que quanto mais caminhamos na trilha do acerto, mais rápido alcançamos a felicidade e a perfeição, significando cada tropeço séculos e às vezes milénios de dor e luta para poder retomar a trilha.

Torçamos que não logrem êxito aqueles que queiram liberar o consumo de algumas drogas; o exemplo é claro e fristalino: o álcool é uma droga liberada e é a mais utilizada, causando doenças, perda de rendimento profissional, lares desfeitos, jogando muitos na calçada da miséria financeira e moral, sendo a maior causadora de mortes no trânsito. Perguntamos: alguém deixaria de usar porque é liberado ou milhares que ainda se sentem desencorajados pela coertividade da lei passariam a usar, se liberado fosse? Meditemos. Não percamos de vista que o problema dos tóxicos é mais de equilíbrio dos moços do que de



criminalidade e que os maiores e mais perigosos tóxicos são os que abraçamos na alma e que nos colocam em posição de receptividade aos do corpo: a PREGUIÇA, a INDOLÊNCIA, o PESSIMISMO, a FALTA DE FÉ e a VONTADE FRACA.

## **C – ATENÇÃO CONSTANTE – PREPARAR NOSSOS FILHOS**

A primeira atitude dos pais deverá ser a da atenção para com seus filhos, orientando e estando alerta para evitar o contato com a droga. Ensiná-los a lidar com o convite aos tóxicos, não aceitando coisas de estranhos, não se enganando com desafios que nos levem a experimentá-los (tóxicos), prevenindo-os dos perigos e prejuízos de tal consumo, orientando-os a não se envolverem com pessoas ligadas ao tráfico ou distribuição de entorpecentes, acompanhando-lhes as reações ante os problemas da vida.

Desde os primeiros dias da infância, não ministrar remédios a esmo nem estimulá-los à automedicação, nem deixar que terceiros o façam dando você mesmo a dose necessária. Buscar descobrir, quanto antes possível, se seu filho está usando drogas, ou se já usou, a não se tornar dependente delas. A recuperação de jovens no início do contato alcança sucesso de até 90%; já, como dependentes profundos, alcança apenas de 10 a 20%. Observar sintomas que em conjunto (individualmente significam outro tipo de problema médico ou psicológico) possam trazer indícios de envolvimento: mudança de comportamento, apatia, indiferença, falta de apetite, desinteresse pelos estudos e esportes, desleixo com a própria aparência, troca do dia pela noite e outras na mesma direção.

Estes cuidados permanentes podem cansar, contudo lembramos certa afirmativa de Chico Xavier, cuja obra

deslumbrou: **“Nossos filhos são tesouros e ao mesmo tempo, tesouras para cortarem nossas arestas.”**

A melhor atitude dos pais para prevenir é das mesmas que veremos adiante para corrigir e superar o problema. Aqui colocamos alguns cuidados para evitar que nossos tutelados caiam nessa armadilha. Aliás, prevenção será sempre mais barato e mais fácil do que remediar. Abracemos o alerta de nossa querida Joanna de Ângelis: **“ Se és pai ou mãe, não penses que o teu lar está poupado. Observa o comportamento dos filhos, mantem-te atento, cuida deles desde antes da ingerência e do comprometimento nos embalos dos estupefacientes e alucinógenos, em cuja oportunidade podes auxiliá-los e preservá-os.”**

O que vem acontecendo nos lares è que a maioria dos pais e mães estão despreparados para enfrentar as dificuldades do trabalho educativo e acabam por tomar atitudes erradas, tanto na prevenção quanto na terapêutica, para corrigir os problemas que surgem. A maioria é muito complacente em relação à conduta de seus rebentos, influenciados pelo liberalismo que vige nos dias atuais, apesar de já estar havendo uma mudança no enfoque e na necessidade do não.

## **D – POR QUE OS JOVENS USAM DROGAS?**

É uma pergunta que nos devemos fazer, para nos situarmos em relação aos riscos que correm nossos filhos. A primeira resposta poderia ser a de que são almas fracas, que não trazem intimamente resistência contra vícios e tentações de toda espécie. A respeito disso, podemos destacar uma questão colocada por Allan Kardec: - **“Pode o homem cometer numa existência faltas cometidas na precedente? – Isso depende do seu adiantamento.**

**Se ele não souber resistir às provas, pode ser arrastado a novas faltas, que serão a consequência da posição por ele mesmo escolhida.”**

Por aí vemos que ninguém poderá eximir-se de sua própria responsabilidade. A responsabilidade primeira de quem consome drogas é a própria, pois ninguém nasce na Terra para errar ou cometer enganos, e sim para superar a montanha das dificuldades e os obstáculos da convivência social. Nas fases primeiras da infância e posteriormente da adolescência, nossos filhos precisam de profundas orientações para que consigam cumprir o seu programa de melhoria moral e aperfeiçoamento espiritual, abraçados antes da presente reencarnação. A falta de amparo dos pais é motivo para quedas e desequilíbrios; e, se não podemos dizer que a culpa será totalmente dos pais, ou seja, PAI e MÃE devem ser o sustentáculo para que nossos protegidos consigam superar a fase infantil e juvenil com aproveitamento espiritual.

De maneira geral, se formos traçar um perfil dos jovens que se envolvem com drogas, encontraremos uma maioria esmagadora oriunda de lares em crise. O mundo imerso em problemas, o momento sócio-cultural, as difíceis perspectivas de futuro, somados às facilidades de se entrar nos vícios, criam uma situação perigosa. A exigência familiar para que sejam melhores que os outros, estudar muito para vencer, namoros que agradem aos genitores, ter de mostrar logo sua opção sexual, cursos diversos, almoços muitos rápidos, agenda excessivamente cheia de atividades, para muitos falta de lazer, e outras situações, levam a uma grande pressão sobre o jovem, que necessita ter um lar equilibrado para vencê-la.

E, recebendo tamanha pressão dos pais para serem sempre os **“primeiros”**, começam a sofrer conflitos muito fortes. Chico Xavier destaca: **“Tantos jovens que se doparam em droga,**

**muitas vezes por causa de uma influência opressiva daqueles que foram chamados a orientá-los na vida prática”.**

A porta de entrada no vício será, então, a desestruturação familiar e, em maior parte e noutras situações em menor escala, tais como a curiosidade e a pressão de **amigos** em busca de emoções diferentes. Despertemos, pois inúmeras vezes nossos tutelados buscam-no como pais, para conversar, pedem-nos disponibilidade para a convivência salutar, suplicam apoio, sentindo-se pouco amados, deslocados, com baixa autoestima, querem mais carinho e calor do que grandes mesadas, e, se fugimos, porque precisamos descansar ou trabalhar mais, estaremos dando o mapa, a passagem e a chave para que caiam na porta do vício.

**Cuidado! Nessas hora é que aparecem falsos amigos e traficantes...**

## **E – O QUE OS PAIS NÃO DEVEM FAZER**

Usar e abusar de drogas lícitas – álcool e fumo, tão danosas quanto as outras. O péssimo exemplo de pais que bebem e fumam fica fortemente gravado nas crianças e adolescentes. Em um depoimento comovente, um jovem declarou que começou seu vício pelo álcool desde cedo, pois iniciou a beber “**nos churrascos que a família sempre fazia. A maior parte dos que se envolvem com drogas ilícitas, começou sua incursão na trilha do vício pelo álcool.**”

- Exagerar nos riscos de seus filhos caírem na armadilha do vício. A maior parte dos jovens não experimenta tóxicos e, dentre aqueles que experimentam, somente uma parte se torna

dependente. Ficar exaltando em demasia o problema pode atraí-los a experimentar, já que nessa fase gostam de riscos e desafios.

- Tirar conclusões apressadas se ouvirem dizer ou suspeitarem que seus tutelados se envolveram com substâncias proibidas. Primeiro deve escutar o filho com muita atenção e sondá-lo com perspicácia e compreensão;

- Suspeitar demasiadamente deles e policiá-los demais. Vigilância excessiva e desconfiança podem levá-los ao consumo, em vez de evitá-lo;

- Reagir com agressividade e violência. Primeiro deve-se orientá-los a não experimentar mas, se isso ocorrer, reações agressivas só pioram sobremaneira o problema;

- Falta de disciplina e autoridade na educação. Não confundir liberdade com libertinagem, pois nossos protegidos devem ter hora para chegar, limites para suas vontades, resistência aos conflitos (não tomar remédios a qualquer probleminha) e participar das responsabilidades da casa;

- Ameaçar interná-lo, expulsá-lo, denunciá-lo ou denunciar seus companheiros. Ameaçar não constitui boa medida. Tome medidas até mesmo drásticas, se preciso, mas com equilíbrio e visando resolver a questão;

- Recriminar-se ou procurar culpados. Não perca tempo, culpando a si mesmo ou aos outros. É hora de ação. Devia ter feito melhor mas não fez; vamos consertar, ainda há tempo. Passe a tomar atitudes como as que veremos a seguir no próximo subtítulo.

Meditemos nas orientações de Allan Kardec. A primeira diz quanto aos filhos causarem desgostos e isso não ser desculpa para os pais terem menos ternura: **“Esses desgostos são quase sempre a consequência dos maus costumes que os pais deixaram os filhos seguirmos desde o berço; eles colhem, portanto, o que semearam”**; e a segunda, quanto à responsabilidade dos pais quando se esforçam por fazer o melhor: **“Se uma criança se transviar, apesar dos cuidados dos pais, estes são responsáveis? – Não; mas quanto mais as disposições da criança são más, mais a tarefa é pesada e maior será o mérito se conseguirem desviá-la do mau caminho.”**

Portanto, ora a deficiência moral vem do passado espiritual de nossas crianças e, sendo culpa nossa ou não, devemos o esforço do melhor trabalho educativo (para resgatarmos nossa dívida ou adquirirmos maior mérito), ora vem da nossa ação de hoje (esta encarnação), sendo nossa obrigação dedicar-nos a corrigir as falhas que ocasionaram a problemática.

## **F – O QUE OS PAIS DEVEM FAZER**

- Utilizar de disciplinas e medidas fortes nas horas certas. Se tiverem experimentado tóxicos, devem-se suprimir algumas saídas, cortar: mesada ou presentes, proibir algumas coisas. Se já experimentaram alguma vez e existe o perigo de se tornarem consumidores, mudança de escola, afastamento do meio onde são tentados, firmeza na cobrança de atitudes. Se já se tornaram dependentes, ajuda de especialista e médico será necessário.

- Estimular os jovens a experimentar formas não químicas de obtenção de prazer, tais como atividades artísticas, culturais e esportivas. Conhecê-los melhor em seus gostos, desejos e vontades;

- Ajudar o jovem a superar a todas as dificuldades da vida com segurança e afeto dos pais;
- Fazer-lhes sentirem-se amados apesar de seus defeitos, dificuldades e limitações;
- Conscientizá-los dos perigos de tal caminho e mostrar-lhes criaturas viciadas em triste situação, para que vejam e sintam a ruína causada pelos que não resistem;
- Não dramatizar, em caso de o filho ter-se utilizado de alguma droga. Conversar francamente com ele, buscar as razões pelas quais utilizou e jamais estigmatizá-lo, chamando por apelidos grosseiros (viciado, maconheiro, etc.);
- Desde a infância, preste mais atenção a seus filhos;
- Ajudá-los a apreciar as coisas boas da vida, buscando experiências válidas e gratificantes;
- Vivam em paz, mostrando aos filhos harmonia e amor no relacionamento conjugal. Pais que se amam e demonstram desfrutar de vida alegre e sadia são um forte antídoto contra as fraquezas dos filhos. O mínimo que os pais devem a si mesmos e aos seus rebentos é o esforço em crescer e desenvolver a relação afetiva. E, mesmo que a experiência do casamento não dê certo, conversem com os filhos e jamais resolvam a questão da separação com ódio, mágoa ou revolta;
- Jamais mintam aos seus tutelados;

- Nunca se embriaguem na frente deles. Se os pais gostam de beber, que o façam com equilíbrio e moderação, deixando claro aos jovens que o melhor seria não beber. A mesma coisa, quanto ao fumo;

- Esforcem-se por deixar seus vícios. Este será um grande exemplo e estímulo para crianças e adolescentes. Uma das melhores armas é o exemplo. Responde-nos o amigo Divaldo Pereira Franco: **“Qual a melhor terapêutica contra os tóxicos?” – “A do lar. A do exemplo no lar.”**

- Apoiem-no em todos os momentos da vida, mesmo que levando-o a consertar erros, e mostrem-se sempre amigos e dispostos a auxiliá-lo no que for possível;

- Desenvolvam-lhe a disposição para vencer as paixões;

- Manter o equilíbrio no lar. Se pode haver filhos difíceis em lares equilibrados, imaginemos se estes lares não o fossem! Seria mil vezes pior;

- Não habituá-los desde cedo a apoiarem-se em remédios, tudo querendo resolver com ajuda de comprimidos e xaropes. Alertamos o Dr. Lair Ribeiro e Dr. Jorge Lordello: **“A droga não é substituto do amor, do carinho e da afeição. Esses sentimentos ajudam a criança a suportar dores ou doenças sem o emprego de muita medicação”**;

- Tratamento médico e psicológico para ajudá-los a superar o vício.

- Tratamento espiritual: passe, água fluidificada, magnetizada, psicoterapia da palavra, recursos psicológicos;



- Levá-los a participar de trabalhos de assistência social a carentes e trabalhos de assistência a drogados e suas famílias;
- Utilizar-se dos antídotos do Evangelho.

## **G – ANTÍDOTOS DO EVANGELHO**

Amor e carinho em todos os momentos (mesmo que com disciplina), mais do que riqueza e conforto. Nosso querido companheiro Chico Xavier esclarece: **“Reconheçamos que devemos combater a influência dos tóxicos através de uma intensificação do amor, na assistência afetiva mais intensa junto de nossos filhos”;**

- Compreensão e entendimento, para que possamos corrigir sem ferir;
- Diálogo evangelizado e constante;
- Confiança na capacidade deles de superarem as dificuldades e o mal;
- Dedicção aos filhos e participação com eles em seus momentos importantes;
- Educação moral à luz do Evangelho;
- Desenvolver-lhes a vontade. Lembremos, com Allan Kardec, de sua importância na superação dos males: **“O homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços?” – “Sim, e às vezes com pouco esforço; o que lhe falta é a vontade. Ah! Como são poucos os que se esforçam!”**

- Conscientização espiritual do que somos, de onde viemos e para onde vamos;
- Superação da tristeza e do desânimo;
- Abnegação, ternura e sacrifícios no cumprimento da sagrada missão da maternidade/paternidade;
- Liberdade e orientação com responsabilidade, dando-lhes espaço (direitos) e obrigações (deveres).
- Disciplinas morais desde a infância;
- Vigilância carinhosa e não sufocante dos pais; desenvolvimento de trabalhos fraternos e cristãos no ambiente da caridade;
- Descer até eles, procurando falar-lhes em linguagem compreensível a todos os momentos da vida.

\*

**Fechemos com Joanna de Ângelis: “O problema, portanto, de educação na família cristianizada, na escola enobrecida, na comunidade honrada e não de repressão policial.”**

Fiquemos com a certeza de que, quando nos colocamos na posição de semeadores do bem, do amor, da verdade e da justiça, recebemos as armas necessárias a combater as sombras de nós mesmos e poder auxiliar aos entes queridos a combaterem as próprias sombras.

Acima de tudo, livremo-nos dos tóxicos altamente corrosivos da alma – ódio, orgulho, vaidade e preguiça – utilizando-nos da maravilhosa terapêutica do Evangelho onde o

amor, mais do que um sentimento, é energia profundamente curativa de todos os nossos males com o auxílio do tratamento da fé e da vontade.

**JOAMAR Z. NAZARETH**

(Artigo recebido via internet, por gentileza do Irmão Carlos Castelão, do “Grupo Fraternidade Espírita Jerónimo Ribeiro”, de Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. Mantivemos a redação, apesar de um pouco diferente do nosso português).



*“Todo o trabalho que tente transformar os velhos preconceitos, modificar as velhas fórmulas, reformar absoletas doutrinas, radicar progressivas ideias, destruir anacrónicas hierarquias, renovar e impulsionar as estáticas ciências consagradas, tem sido repellido e monteado.*

*“Se não fosse a perseguição o que seria da religião cristã? Se não fosse a intolerância o que seria a ciência moderna? Se não fosse o insulto, a zombaria, o que seria actualmente o espiritismo?”*

*“Conheces alguma ideia notável, algum grande facto progressivo da humanidade, que não tenha tido esse batismo?(...)”*

*EÇA DE QUEIROZ, Espírito*

(Médium: Fernando de Lacerda, 1907).

# O PAÍS DA LUZ

País da Luz é todo o espaço além  
Desse, que a vista vossa abrange e vê.  
É a ideal mansão, em que se crê;  
Anseio santo que à nossa alma vem.

É a azulada praia, onde ninguém  
Aporta, ao viajar, quando descrê.  
Sonhada região, que se antevê,  
Onde reside a Paz, o Amor, o Bem.

É perene caudal de claridade,  
Onde o doce Jesus, todo bondade,  
Sorrindo nos acolhe, os irmãos seus.

É o esperado céu do humano ser,  
Para onde vem, depois de aí morrer,  
Todo aquele que bem servir a Deus.

## *JOÃO DE DEUS, Espírito*

(Médium, Fernando de Lacerda, 1908.

(Fernando Augusto de Lacerda e Melo nasceu em Loures, Portugal, em 6 de Agosto de 1865, desencarnando no Rio de Janeiro, Brasil, em 6 de Agosto de 1918.

Com a publicação de parte da mensagem de Eça de Queiroz e do soneto de João de Deus, um e outro nomes tão gratos aos corações de todos os portugueses, aqui o recordamos – neste mês de Agosto que o lembra na sua reencarnação/desencarnação).

# PROFILAXIA DA ALIENAÇÃO

Dois pacientes conversavam no manicómio:

- Sou Francisco de Assis!
- Como soube?
- Uma revelação!
- De quem?
- De Deus.
- Mentira! Nunca lhe falei nada disso!

Este é o clássico exemplo de doentes mentais afastados da realidade, em estágio num mundo de fantasia.

Distúrbios graves dessa natureza, originários de acidente circulatório, senilidade, mal de Alzheimer e outros, situam-se por cobranças cármicas que o destino faz ao paciente e à família. É o decantado resgate de débitos pretéritos, conforme ensina a Doutrina Espírita.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo V, item 14, Kardec faz oportuna observação, que merece nossa reflexão:

*(...) é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. (...)*

Interessante, leitor amigo. O Codificador considera que a loucura, na maioria dos casos, é produzida pela inconformação diante de situações difíceis, como a morte de um ente querido, o desastre financeiro, a decepção amorosa, a doença grave, a solidão... Se a tenção é muito grande, pela recusa em *enfrentar* os desafios existenciais, *fervem* os miolos, *derrete* a razão.

\*

O mesmo ocorre com muitos recém-desencarnados.

Nas reuniões mediúnicas deparamos com entidades nessa lamentável condição. Poucos afeitos à oração e à reflexão, mente presa a situações que dizem respeito à existência física, perturbam-se e caem na alienação.

Como a dimensão espiritual é uma projeção da dimensão física, começando exatamente onde estamos, tendem a gravitar em torno de seus familiares, negócios, vícios, paixões, ambições....

Confusos e aflitos, perturbam os que lhes sofrem a influência, com sua perplexidade e indignação diante de acontecimentos para eles incompreensíveis.

- Meus filhos estão roubando minha fortuna – reclama o usurário, sem perceber que se trata de uma partilha envolvendo o inventário de seus bens.

- Minha mulher está me traindo – reclama o esposo, sem perceber que ela está refazendo sua vida afetiva.

- Meu marido recusa-se a conversar comigo – reclama a esposa, sem perceber que o marido simplesmente não a vê.

Mente prisioneira das ilusões da Terra, têm dificuldade para encarar as realidades do Além.

\*

Mais lamentável que a alienação mental, que atinge Espíritos encarnados e desencarnados, é a alienação existencial que lhe dá origem.

É o viver sem noção dos porquês da existência.

De onde viemos, o que estamos fazendo na Terra, para onde vamos?

Fiz certa feita uma pesquisa junto a colegas de trabalho, com destaque para a seguinte pergunta: qual o objetivo da Vida?

Pasme, leitor amigo! A maioria, mesmo dentre os que se diziam religiosos, não soube responder!

Agora, pergunto-lhe: como pode alguém viver de forma disciplinada, corajosa, espiritualizada, se não sabe o que veio fazer na Terra?

Por isso as pessoas desajustam-se diante das vicissitudes, ficam doentes, atribuladas, infelizes, nervosas, desembocando, não raro, nos transtornos mentais que podem culminar na alienação.

\*

Princípios religiosos tradicionais nos dizem que nossa alma foi criada por Deus no momento da concepção e que a felicidade futura vai depender de cumprirmos o que Deus espera de nós.

Num espaço de alguns decénios, decidiremos o nosso futuro para sempre. É complicado porque não somos todos iguais. Não temos o mesmo carácter. Não temos as mesmas disposições. Não temos a mesma inteligência. Não temos as mesmas virtudes. Não temos a mesma compreensão.

Há gente boa e gente ruim.

Há gente inteligente e gente obtusa. Há gente religiosa e gente materialista. Há gente virtuosa e gente viciosa. Há gente altruísta e gente egoísta.

Será que Deus nos fez assim, com tão gritantes diferenças, como se tivesse criado uns para a salvação e outros para a perdição?

Tais dúvidas induzem ao amortecimento da crença e, não raro, à descrença.

Por isso, habituam-se as pessoas a viver sem questionamentos, preferindo o imediatismo terrestre às cogitações celestes.

\*

O Espiritismo nos ajuda a superar a alienação existencial, a partir da fé racional, como propõe Kardec, comprometida com a lógica e o bom senso.

Somos Espíritos imortais.



Já vivemos múltiplas existências no passado e continuaremos a viver no futuro, desdobrando experiências de aprendizado e aprimoramento.

Cada um de nós tem uma idade espiritual, e nossa personalidade, com nossas facilidades e limitações, com nossas tendências boas ou más, é o somatório de nossas experiências do passado, do que fizemos.

As vicissitudes da Terra, os problemas e dissabores que enfrentamos guardam relação também com o nosso passado. Tanto melhor os enfrentaremos quanto maior a nossa confiança em Deus e a disposição de lutarmos contra nossas imperfeições, buscando fazer o melhor.

É o que destaca Kardec, na sequência do citado ítem 14, ao reportar-se ao indivíduo que enfrenta as atribulações da Terra:

*(...) se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam.*

Perfeito! Encarar os desafios do caminho, na jornada da vida, com as lentes do Espiritismo, é a melhor maneira de não tropeçarmos na alienação.

Pode parecer um exagero o receber *mesmo com alegria, os reveses e as decepções...*

Difícil rir na dor ou festejar na frustração. Mas não seria essa a postura lógica de alguém que resgata uma dívida? Se chorar diante do credor, não haverá de ser pela euforia de liquidar o débito?

E se difícil nos parece chegar a tanto, diante da adversidade, que pelo menos preservemos a sanidade física e espiritual, cultivando bom ânimo.

\*

Assim como são necessários os suplementos vitamínicos diários para suprir determinadas deficiências orgânicas, é importante, indispensável mesmo, que alimentemos nossa alma com a leitura e a reflexão em torno das ideias que Kardec, sabiamente, desenvolve em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, sob inspiração dos mentores espirituais.

Somente assim teremos condições para, em todas as situações, conservarmos a saúde espiritual, indispensável ao perfeito aproveitamento da jornada humana, mantendo um dos dons mais preciosos da Vida: a segurança no viver.

Por falar nisso, leitor amigo, já tomou sua *vitamina evangélica* hoje?

***RICHARD SIMONETTI***

(In: Revista Espírita brasileira REFORMADOR, da FEB, Dezembro de 2009.)

\*

# O FRACASSO DE PEDRO

*“E Pedro o seguiu de longe, até ao pátio do sumo-sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados para ver o fim.” – MATEUS : 26:58.*

O fracasso, como qualquer êxito, tem suas causas positivas.

A negação de Pedro sempre constitui assunto de palpitante interesse nas comunidades do Cristianismo.

Enquadrar-se-ia a queda moral do generoso amigo do Mestre num plano de fatalidade? Por que se negaria Simão a cooperar com o Senhor em minutos tão difíceis?

Útil, nesse particular, é o exame de sua invigilância.

O fracasso do amoroso pescador reside aí dentro, na desatenção para com as advertências recebidas.

Grande número de discípulos modernos participam das mesmas negações, em razão de continuarem desatendendo.

Informa o Evangelho que, naquela hora de trabalhos supremos, Simão Pedro seguia o Mestre “de longe”, ficou no “pátio do sumo-sacerdote”, e “assentou-se entre os criados” deste, para “ver o fim”.

Leitura cuidadosa do texto esclarece-nos o entendimento e reconhecemos que, ainda hoje, muitos amigos do Evangelho prosseguem caindo em suas aspirações e esperanças, por acompanharem o Cristo à distância, receosos de perderem gratificações imediatistas; quando chamados a testemunho importante, demoram-se nas vizinhanças da arena de lutas redentoras, entre os servos das convenções utilitaristas, assestando binóculos de exame, a fim de observarem como será o fim dos serviços alheios.

Todos os aprendizes, nessas condições, naturalmente fracassarão e chorarão amargamente.

### *EMMANUEL*

(In: CAMINHO, VERDADE E VIDA, psicografia do médium brasileiro Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, capítulo nº. 89).

\*

ânsia de amealhar, não é menos intensa num do que no outro. A preocupação de ser roubado, a ambos rouba o sono, a ambos rouba o apetite. O avarento sacrifica-se e sacrifica os seus, ao extremo de se privar do necessário para viver com asseio e comodidade, só com a única ambição de juntar, de juntar cada vez mais. O antiquário sacrifica tudo menos as suas velharias; por causa delas perde o seu bom humor e chega a ser insuportável. Importa-se muito mais com as esmurradelas que qualquer dos seus bonecos, qualquer das suas antiguidades possa sofrer do que das arrelias com que, de quando em quando, mimoseia os seus parentes, quem o serve e quem com ele convive, por causa das mesmas velharias. Ele é dos que amam mais as coisas do que as pessoas. Diante dum caco, com feição de coisa rara, extasia-se na sua contemplação, não resiste à tentação de o possuir e dá por ele somas fabulosas. Diante duma aflição de qualquer dos seus semelhantes, pela consternação que o invade, desvia-se e mal tem tempo de dar alguma coisa.

A diferença que existe entre os dois, é que um, junta dinheiro, e o outro, coisas velhas. O avarento é capaz de dar os cacos por mais um centavo, o antiquário é capaz de dar uma fortuna por um caco. Ambos esquecem que são detentores temporários do que possuem e que, uma das qualidades que mais dignificam os homens, é o melhor aproveitamento das suas fortunas em seu benefício e dos seus semelhantes.

Avarentos propriamente ditos, creio haver poucos, mas antiquários, há muitos; estes, são uma variante daqueles. Ambos

imobilizam capitais que muito beneficiariam as ciências, as artes e a filantropia, proporcionando, aos denodados investigadores do bem estar dos povos, os meios de que tanto carecem para as suas investigações, para o aperfeiçoamento da humanidade.

Ambos esquecem que, de tudo que existe no mundo, nada é mais valioso e mais precioso do que o homem. Contudo é frequentíssimo ver debater-se com a miséria uma família inteira porque se lhe regateia o valor do seu trabalho, e ver pagar por alto preço, sem regatear, qualquer coisa, que não tem préstimo algum, que se adquire mais pelo prazer de possuir o que mais ninguém possui do que pela sua antiguidade ou valor artístico.

Salvo o devido respeito à Arte, o exagerado valor que se dá aos objectos antigos immobilizando assim importantes somas de dinheiro, parece-me tão prejudicial como enterrar o dinheiro. E se não fora o benefício que alguns artífices conseguem colher, na imitação das coisas antigas, então poderíamos considerar o antiquário como aquele moço, de que nos fala o Evangelho, na parábola dos talentos.

Felizmente, o barro jamais faltará à cerâmica que reproduz, hoje, tão fielmente, em todas as suas minudências, qualquer caco antigo, que dificilmente os apaixonados lhe distinguem a idade.

A química, não deixará nunca de ser um excelente auxiliar da marcenaria, nas infusões que dissimulam, com tanta eficácia, a natureza e a idade das madeiras, que os mais espertos se enganam.

E, como nestes, em todos os outros ramos da actividade humana, a arte de imitação, aproveita do mal duns, o bem que pode, para outros.

Porque é difícilima a identificação de muitos dos objectos antigos; e é tão hipotética a identidade que se atribui à maior parte deles como é a de certas relíquias espalhadas pelo mundo inteiro.

### **MANOEL CAVACO**

(Pertenceu aos Corpos Sociais da ‘Sociedade Portuense de Estudos Psíquicos’, e Director, durante vários anos, da Revista ‘Além’, da mesma Associação. Este artigo foi publicado na Revista Espírita ‘Luz e Caridade’, de Braga, em Julho de 1927).

\*

## **LUZ DO NATAL**

Luz do Natal! Fogueira de Amor!  
Perfume de Sonho, luz de oração.  
Manhã divina! Manhã em flor!  
Manhã Bendita da Redenção!

Luz do Natal! Luz Alvorada  
De um dia, que um dia nos há-de chegar!  
O Dia da Paz desejada  
Como Irmãos de mãos dadas, a caminhar!...  
Luz do Natal! Brandura de arminho  
Sobre os escolhos, sobre as arestas,  
No piso agreste do meu caminho!

\*

Ó Luz do Natal!

Que a Voz que em ti fala  
E eu oiço em minha alma  
Falando e brandando à Razão:  
- Justiça! Justiça!  
Mais amor! Mais luz e mais pão!  
E menos orgulho; e menos cobiça;  
E menos palavras e actos de guerra,  
- Se oiça e impere;  
Mande, governe,  
Nas consciências,  
Na face da Terra!

*CAETANO DE SOUSA*

(Lisboa, Natal de 1950. Publicado na REVISTA DE METAPSIKOLOGIA da Federação Espírita Portuguesa, em Dezembro do mesmo ano).



## **O NATAL PERDIDO**

Somos do tempo em que não havia televisões, nem computadores... do tempo em que, quando começaram a aparecer os frigoríficos e, depois, as máquinas de lavar roupa, eles pareciam



o supra sumo do avanço tecnológico, inventado para facilitar a vida às donas de casa... Do tempo, também, em que os filhos eram educados sem a preocupação de que o ralho dos pais lhes causassem traumas que os levassem a frequentar psicólogos; do tempo em que os alunos respeitavam os professores, que eram os continuadores da educação que os pais nos davam, em casa; do tempo em que as crianças brincavam, nas ruas, sem que existissem o temor de serem raptadas; em que bebíamos água dos copos e garrafas uns dos outros, sem pensarmos em contágios, micróbios, doenças... Dos tempos, afinal, em que as crianças eram mais livres e mais felizes que as de agora!

Nesse tempo, as crianças falavam em Jesus; sabiam que na data comemorativa do seu “aniversário” Ele (os pais: quando suficientemente crescidos deixávamos de acreditar), através do Pai Natal, seu emissário, todos éramos brindados com o presente que era colocado no nosso sapatinho, colocado estrategicamente em cima do poial da chaminé, debaixo da cama, ou atrás da porta, para facilitar a entrada de quem vinha carregado com os presentes para todo o mundo! Como a nossa ingenuidade nos fazia felizes!

Nesse tempo, os presentes não eram importantes pela qualidade nem pela quantidade: um livro, daqueles de fora mais desejado durante os últimos meses, já nos fazia felizes... e quando uma dificuldade maior batia à porta de uma família, se chegada aquela época, em vez de brinquedos recebêssemos um par de sapatos, um vestido, umas meias... ainda aí, a nossa felicidade era grande porque o que contava era que “o Menino Jesus” tinha-se lembrado de nós!

Com o correr dos tempos e o avanço da tecnologia, em vez de presentes simples, e porque as possibilidades materiais foram

sendo melhores, os presentes também ganharam outro aspecto, embora continuassem a ser coisas úteis, que nos serviriam ao longo dos meses futuros.

Naquela época, não havia ruas engalanadas com luzinhas multicores, a atraírem os passantes e futuros compradores das lojas que, assim, atraíam uns e outros... As montras eram montadas com um esmero maior, e as famílias admiravam em conjunto aquilo que podia cativar os interessados menores, pela beleza, e os maiores, pelo s preços...

E, antes de se comemorar o dia festivo, era quase que da praxe irmos todos à Igreja, para a missa do galo: então, vestiam-se, logo ali, as roupas melhores e mais quentinhas porque, depois da missa, todos iríamos beijar o ‘Menino’... No regresso a casa, ceava-se e todos se deitavam excitados e expectantes pela chegada do dia seguinte, ansiosos por se saber o presente que se tinha merecido... e muitas vezes, antes ainda dos mais velhos se levantaram, já os mais novos corriam descalços, sem sentirem o frio intenso do chão, na manhã de Inverno, que parecia ficar mais quente pelo entusiasmo com que eram rasgados papéis e desembulhadas as coisas que de imediato nos encantavam! Às vezes, nem era o que esperávamos ou tínhamos pedido, mas era sempre uma novidade e isso é que se tornava importante!

Mas o tempo continuava a correr... os comerciantes foram tendo coisas sempre mais atractivas para aliciarem uns e outros; para os mais pequenos, eram as bonecas que falavam, que faziam chichi, que comiam... os brinquedos comandados à distância... A tecnologia ia inventando coisas novas... Depois dos gira-discos foram os leitores de CD, aquelas coisas pequeninas que comportavam tantas músicas, ou mais ainda, que as dos vinil de antigamente... e vieram os computadores... primeiro uns blocos

imensos, pesados, logo depois substituídos pelos outros mais elegantes, portáteis...as playstations...as penns... e os iphones, com possibilidade de música para 3, 5, 6 horas...

E para todas as coisas que foram surgindo, os comerciantes foram descobrindo que o último mês do ano já não comportava toda a possibilidade de vendas, mediante a mercadoria que tinham nos estabelecimentos: começaram as vendas do Natal a fazerem-se em Novembro – agora já se começam a fazer em Outubro! Qualquer dia destes, muda-se o ano e as vendas continuam logo ali, sem substituição da mercadoria, para o próximo Natal!

As crianças, mediante as facilidades que os pais lhes passaram a dar, já não se contentavam com uma só lembrança: uma não era nada! Tinham que encher o sapatinho e a meia, pendurada na árvore enfeitada, ou numa qualquer parede... aquela meia que nunca ninguém calçava, porque era descomunal, mas que servia para isso mesmo: para ser cheia com os presentes que elas deveriam receber, porque queriam, porque exigiam, porque não era – não é – nem o Menino Jesus nem o Pai Natal que os oferece, mas o pai, a mãe, os avós, os tios... enfim, toda a família que os queira brindar!



Queixamo-mos – nós, os adultos – do egoísmo das nossas crianças, que nunca estão satisfeitas, que pedem (exigem) sempre mais; que ainda bem não acabam de receber uma lembrança, mais ou menos barata, mais ou menos cara, e já estão de mão estendida ou a pedirem a próxima... Crianças que nada reconhecem, daquilo que os pais lhes fazem ou dão!

São crianças diferentes do que nós fomos! Cresceram, muitas delas, sem sequer ouvirem falar de Jesus; nunca frequentaram uma aula de moral cristã... e se queremos tocá-las, afagá-las, acarinhá-las, reclamam que as estamos a prender quando querem ir para o pé das amigas! São crianças que não se sentem bem numa casa que não chega a ser um lar, porque a família reúne-se ao fim de semana, quando acontece a reunião; durante os outros dias, ou é o pai ou a mãe, ou um familiar de um dos colegas, que os leva para a escola; passam o tempo ...a fazer horas: horas de ir para casa, horas de que chegue alguém que os leve... horas ... horas... Horas!... O dinheiro da semanada que se lhes dá tem de substituir a ausência dos mais velhos, sempre maior!

Neste desencontro de horas, o Divino Amigo é o grande ausente, porque Ele foi, também, expulso – por comodismo, disposição ou falta de tempo – do coração dos familiares... O Natal pode ser um dia festivo mas não é, com certeza, uma comemoração familiar: é, antes, um dia/noite de troca de presentes, cada qual vendo quem foi que deu o mais caro...

E onde ficou Jesus? Aquele que disse “Amem-se uns aos outros como eu vos amei”? Será preciso ir-se a uma Igreja para o encontrar? Mas... só se vai ver a sua imagem maior ou menor em pedra ou gesso, mediante o gosto de quem gerir o templo! Como é que o vamos colocar, de novo, no coração das criaturas? Como é que vamos explicar às criaturas, que nunca ouviram falar dele, que há dois mil anos atrás (há um pouco mais, mas assim já serve para arredondar a data), um enviado de Deus esteve na Terra, entre os homens, e disse para aqueles que O rodearam: “Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus”?

Pensamos, sim!, pensamos, que hoje há mais doenças cardíacas porque os homens expulsaram Jesus dos seus corações! Estão mais

voltados para a parte material da vida, preocupados num acumular de bens palpáveis que mais tarde ou mais cedo virão a perder, quando a traça, a ferrugem ou os vermes os corromperem... ou a morte os afastar de todos eles!

A tecnologia invadiu os corações e os lares... lares onde as crianças também escasseiam porque as despesas e sobrecargas com os custos materiais levam a que os casais pensem em ter menos filhos... Eles dão tanto trabalho! E se puderem ser substituídos por uma televisão maior, mais moderna, ou por um carro último modelo, mais potente na estrada... será que a troca não será mais rendável?

Não... não é heresia! Há casais que pensam assim, embora, graças a Deus, não sejam ainda muitos! E há casais que lutam por terem um filho, sem o conseguirem... e quando perdem a esperança, voltam-se para a adoção e esperam anos... anos!, porque querer-se criar uma criança, rejeitada pelos pais biológicos, é tão ou mais difícil do que conseguir-se o milagre de uma gestação! Às vezes, depois de uma luta quase insana, um deles já tem o organismo depauperado por uma doença incurável... ou já desistiu do casamento... ou já desistiu de ser pai!

E o Natal? O Natal continua? O Natal continua... não, comemorando o nascimento da Criança que, um dia, veio à Terra para nos ensinar o caminho para o Pai, deixando-nos um código de valores morais ainda não ultrapassado, mas como uma festa quase pagã, onde se discutem preços e outros valores materiais!

Por favor! Vamos reacender a chama do verdadeiro Natal? Vamos convidar Jesus a partilhá-lo connosco? E vamos partilhá-lo, nós que, melhor ou pior, ainda o conseguimos festejar, vamos partilhá-lo com aqueles ou alguns daqueles que não o podem ter, devido às carências que os acompanham no dia a dia?

Vamos abrir, de novo, os nossos corações para Jesus, dar-lhe as boas-vindas, fazer d'Ele o nosso convidado de honra?

Se o fizermos, quando o fizermos, como o fizermos, - então, sim!, será Natal outra vez e a paz do Divino Amigo espalhar-se-à por todos os corações!

*MANUELA VASCONCELOS*



## QUATRO VELAS A ARDER...

Quatro velas estavam queimando calmamente. O ambiente estava tão silencioso que se podia ouvir o diálogo entre elas.

A primeira, disse: - Eu sou a PAZ e apesar da minha luz, as pessoas não conseguem manter-me acesa. Em seguida, a sua chama, devagarinho, se apagou totalmente.

A segunda, disse: - Eu me chamo FÉ! Infelizmente, sou supérflua para as pessoas. Elas não querem saber de Deus, por isso não faz sentido continuar queimando.

Ao terminar a sua fala, um vento bateu levemente sobre ela e a chama se apagou.

Baixinho e triste a terceira vela se manifestou: - Eu sou o Amor! Não tenho mais forças para queimar. As pessoas me

deixam de lado, porque só conseguem enxergar elas mesmas, esquecem até daquelas que estão à sua volta. E também se apagou.

De repente, chegou uma criança e viu as três velas apagadas...

- Que é isto? Vocês devem ficar acesas e queimar até ao fim.

Então, a quarta vela falou: - Não tenhas medo, criança. Enquanto eu estiver acesa, poderemos acender as outras velas.

#### PAUSA PARA REFLEXÃO:

*Quando apagamos as chamas da PAZ, da FÉ e do AMOR, ainda assim, nem tudo está perdido... Alguma coisa há de ter restado dentro da gente. E isso tem que ser preservado, acima de tudo...*

Então, a criança pegou a vela da ESPERANÇA e acendeu novamente as que estavam apagadas.

PAZ            FÉ            AMOR            ESPERANÇA

Que a vela da ESPERANÇA nunca se apague dentro de você!

Ela é a nossa luz, no fim do túnel. O caminho da felicidade precisa, antes, ser pavimentado com esperança...

A felicidade nem sempre bate à nossa porta. Para tê-la, é preciso uma busca incessante, e ao encontrá-la, ter a coragem de trazê-la para dentro de nós!

## ANÓNIMO

(Mensagem, com imagens, enviada pelo Irmão Castelão, via internet).



# N A T A L

*“Glória a Deus nas Alturas, paz na  
Terra e boa vontade para com os homens.-  
(Lucas, 2:14)*

As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.

Glória a Deus no Universo Divino. Paz na Terra. Boa vontade para com os homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir. Nem castigo ao rico avarento. Nem punição ao pobre desesperado. Nem desprezo aos fracos. Nem condenação aos pecadores. Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso. Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa Vontade.

A justiça do “olho por olho” e do “dente por dente” encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível...

Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.  
O algoz seria digno de piedade.



O inimigo converter-se-ia em irmão transviado. O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sidon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais seriam relegados ao abandono nos vales da imundície.

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmão, se ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa Vontade!...

Estendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.

### *EMMANUEL*

(In: FONTE VIVA, capítulo 180, psicografia de Francisco C. Xavier).









